

EUCLIDES DA CUNHA, UM CIVILIZADOR DO SERTÃO.

J. DE FIGUEIREDO FILHO

da Faculdade de Filosofia do Crato. CE.

Sou autêntico filho do âmago do Nordeste Brasileiro. Nasci e criei-me, em pleno Carirí cearense, sub-região, outrora dominada por silvícolas de igual nome e povoada depois por sergipanos, baianos e pernambucanos, no tempo da civilização do ciclo do couro. E' ilha de verdura, no meio da caatinga ressequida, tão bem descrita esta pelo imortal Euclides da Cunha.

Na feira semanal de minha terra, às segundas, das maiores da região nordestina, aglomera-se população sertaneja de todos os matizes, procedente da redondeza, que abrange léguas e mais léguas de diâmetros. Crato é igualmente outra ilha, mas de cunho inteiramente. E' oásis de cultura intelectual, viva, provando que o nordestino, mesmo isolado, é capaz de progredir e assimilar a mais requintada civilização. Não é mais aquela bisonha vila de 1850, de que nos fala Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, quando penitentes místicos — *Os Serenos* — saíam pelas estradas a flagelar-se e a cometer distúrbios de todos os quilates.

Araripe Júnior, dos maiores críticos literários da língua portuguesa, foi dos primeiros intelectuais a reconhecer o gênio de Euclides da Cunha, ao aparecer o monumental *Os Sertões*. Possuía aquêlê sangue de cratense, em suas veias, pois era neto de Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, herói da malograda revolução republicana de 1817 de Pernambuco, com repercussão na Vila Real de Crato. Tomou parte no movimento de 1822, no Ceará, para a libertação do Brasil, do cêrco de Caxias, no Maranhão, em 1823, épilogo da independência no Norte. Caiu trucidado, vítima de seu idealismo, após ter sido presidente do Ceará, em 1824, na Confederação do Equador. Foi em plagas maranhenses, na Guerra pela Independência, que adicionou ao seu nome o sobrenome nativista de Araripe. Seu pai foi outro vulto ilustre — O Conselheiro Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, estadista do Império e historiador dos mais eméritos.

Araripe Júnior, ao ler a obra prima de Euclides, naquelas páginas fulgurantes, pressentiu o escritor que surgia, já amadurecido, vibrante e também anteviu ali, a alma do Nordeste, simples, pura e brava. Naquela epopéia, ou quase tragédia, de nossa História, Euclides desvendou ao próprio país, empolgado pelo litoral, a outra face esquecida do Brasil. Sua obra não se tornou em vão.

Não foi só aquela cidadela revoltada, pela ignorância e pela incompreensão dos políticos, a devorar batalhões aguerridos e mais batalhões, que impressionou a nação em geral. Naquelas frases de fogo se retratava, em toda a sua nudez, a terra esquecida que não fôra incorporada à civilização brasileira. Euclides atacou de rijo todos os problemas afetos à vida quase selvagem ainda do nordestino. Impressionou-se com as sêcas periódicas, já atenuadas, ou extintas entre povos civilizados. Essa questão vital é abordada, não somente no seu livro máximo, como em *Contrastes e Confrontos* que, aliás, tem o prefácio de Araripe Júnior, que o inicia com episódio desenrolado nos arredores de Crato. Nêle escreveu *Plano de uma Cruzada*, abordando o secular problema climático e os meios mais eficientes de combatê-lo.

Ao tratar de cientistas estrangeiros que escreveram sobre o Brasil, disse à página 135 de *Euclides da Cunha — Obra Completa* (1).

“Ora quaisquer que sejam os inestimáveis serviços dêste grupo imortal e abnegados, são desanimadores.

Não lhes admiremos o brilho até à cegueira. Porque é lastimável que ainda hoje procuremos nas velhas páginas de Saint-Hilaire, motivos do Brasil. Alheiamo-nos desta terra. Criamos a extravagância de um exílio subjetivo, que dela nos afasta enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seio desconhecido.

Daí em grande parte, os desfalecimentos de nossa atividade e de nosso espírito. O verdadeiro Brasil nos aterra; trocâmo-lo de bom grado pela civilização mirrada que nos acotovela na rua do Ouvidor; sabemos dos sertões pouco mais além de sua etimologia rebarbativa, *Desertus*; e, a exemplo dos cartógrafos mediévos, ao idealizarem a África portentosa, podíamos escrever em alguns trechos de nossos mapas a nossa ignorância e o nosso espanto: *Hic Habent Leones*.

Não admiram o incolor, o inexpressivo, o incaracterístico, o tolhiço, o inviável da nossa arte, e das nossas iniciativas. As nossas mesmas descrições naturais recordam artísticos decalques, em que o alpestre da Suíça se mistura baralhado ao distendido das *Landes*; nada do arremessado impressiona dos itambés a prumo, do aspero rebrilhante ... dos cerros do quartzito, do desordenado estonteador das matas, do dilúvio tranqüilo e largamente esparso dos enormes rios; ou do misterioso e quase bíblico das chapadas amplas.

(1). — Edição da Companhia José Aguillar Editôra, 1966 — Rio de Janeiro.

E' que a nossa história natural ainda balbucia em seis ou sete línguas estrangeiras, e a nossa geografia física é um livro inédito”.

O Brasil era assim, esquecido de si mesmo, notadamente o Nordeste. Estrangeiros, embora por amor à ciência, relatavam por aí afora e para nós mesmos, os segredos de nossa fauna, flora, geografia, etnologia, geologia, mineralogia e tudo mais que nos pertencia por direito de posse. Nas letras, artes, acontecia o mesmo. Nossos escritores e artistas não passavam de simples copiadores. Não era sem razão que os vizinhos do Prata nos apelidavam pejorativamente de *Ma-caquitos*.

Mesmo em minha terra natal, insulada no interior cearense, que arrebou, por esforço próprio, os grilhões da ignorância, criando escolas, editando jornais em seus primeiros vagidos literários, ao lado também de grêmios, não se lembrou das coisas típicas da terra. Poetas e prosadores nem sequer olhavam para a natureza exuberante que os cercava. Decantavam ou descreviam cotovias, rouxinóis, primavera, outono e para melhor demonstrarem erudição, descambavam para citações do paganismo greco-romano e mais recentemente, teutônico. Todos nasciam já impregnados da paisagem européia, sorvida na literatura portuguesa, francesa, inglesa, russa ou alemã. Só os cantadores dos pés-de-violão lembravam, em versos toscos e bonitos, os motivos bem vivos, existentes no ambiente onde moravam.

Só um ou outro escritor destes brasis, ocupava-se em descrever assuntos da terra, mas com repercussão restrita, embora a demonstrar talento.

Em minha zona, vivíamos em contacto direto com um dos mais ricos folclores do Nordeste, originário da bagaceira dos seculares engenhos de rapadura do Cariri cearense. Os dirigentes locais de então o julgavam mera demonstração de atraso, indigna de figurar nas feiras e em festas do perímetro urbano. José de Matos, o mais genuíno e inspirado poeta popular do interior do Nordeste, vivia metido em enxovias, ou desprezado da sociedade, pela irreverência de seus versos satíricos, a relembrares os do vate lusitano — Bocage.

Desconheço qualquer escritor sem amarras à escola literária que o prendesse a compartimentos estanques, sociólogo, pesquisador, que tivesse exercido influência tão profunda no Brasil como Euclides da Cunha. Foi o néo-bandeirante, devassador dos sertões ignotos, não à cata de ouro, esmeraldas, ou a prear silvícolas. Sua missão foi outra, de acôrdo com o tempo, quando a nacionalidade não precisava mais alargar-se territorialmente, como nos tempos heróicos das bandeiras e das entradas. Redescobriu êle a própria alma nacional, em vez de gemas ou de filões de metais valiosos. Não almejou indígenas,

mas procurou, com o látigo de suas frases de fogo, quebrar os grilhões do sertanejo ignorante e bravo, manietado pelo inteiro esquecimento da pátria comum.

O maior mérito do autor de *Os Sertões* foi o de pôr ao nu, diante do país inteiro, o outro lado de uma nação desconhecida, mas integralmente brasileira, muito mais até do que a opulenta faixa litorânea. No seu livro máximo e igualmente dos maiores monumentos literários da língua portuguesa, apresentou-se Euclides como geólogo, antropólogo, geógrafo, sociólogo e, sobretudo, literato, nas mais pura expressão do termo. Não se amarrou ao classicismo que morrera e era velha reminiscência de Portugal, nem tão pouco ao romantismo. A seu modo, ao descrever o que se passava em torno de si, foi um realista. Não se confinou no estreitismo de regrinhas de gramática, ou assombrou-se diante de possíveis estrangeirismos. A gramática não poderia tolher a pujança de suas frases empolgantes. Não se transformou, porém, em destruidor das regras básicas da linguagem pura. A língua no lado de cá do Atlântico evolui, a passos acelerados. Tornou-se o precursor do modernismo, sem manietar-se, preso a qualquer escola. Personalidade inexcedível, com características próprias. Seu estilo ciclópico, enleante, ao mesmo tempo sumamente atrativo, podendo fascinar até a pessoas não muito letradas, não encontra imitadores. Isso acontece mesmo entre a onda crescente de seus admiradores.

Amante da liberdade, Euclides conseguiu libertar-se das peias que o poderiam jungir a qualquer grupo literário. Fêz obra imortal, atualíssima hoje e em futuro longínquo. O Prof. Hilário Dick, gaúcho, da Universidade de São Leopoldo, diz bem (12):

“O representante do Brasil litorâneo é Machado de Assis. O representante do Brasil sertanejo é Euclides da Cunha”.

O Nordeste e mesmo o Norte, os atraíram, não em sua parte periférica do oceano, mas unicamente na região que fica encravada em pleno interior bravo. Integrou-se de corpo e alma aos seus problemas vitais. Se alguém ignorasse onde enterraria o umbigo, com sua leitura, concluiria que nascera no Nordeste brasileiro. E Euclides não se envergonharia disso.

Não se apegou a expressões regionalistas, em seus profundos estudos, mas, na realidade, foi um regionalista, por excelência. Homem dos contrastes, não se cansa de apresentá-los, em linguajar vivo e vivificante, com inteira precisão, usando e abusando, sem molestar o leitor, de todos os tempos do verbo contrastar.

(2). — Dick (Hilário), *Introdução à Literatura Brasileira*, pág. 69.

O pensador mexicano José Vasconcelòs vaticinou que o Brasil, dada a sua miscigenação de tipos raciais e de cultura, seria, muito em breve, a pátria natural da *Raza Cósmica*. Euclides, pelas qualidades visceralmente nacionais, ao mesmo tempo mescladas de muitas de origem universal, era um brasileiro que se antecipou ao futuro, naquela profecia.

Na vida simples, sem artificialismo algum, da terra sertaneja, seu espírito de patriota sentiu-se sensibilizado. E empolgou-se por tudo. Embora um ser superior, podendo adaptar-se a qualquer recanto do planeta, suas raízes aprofundaram-se na terra bárbara, que precisava transformar-se.

Cansado, não somente de estreiteza física, como da espiritual, da cidade tentacular, entusiasmou-se pelos vastos horizontes, sem fim, do deserto, onde sua fecunda inteligência podia expandir-se.

Parecia um desterrado em meio à civilização artificial e naquele espaço ignorado da pátria, sem nada a tolher-lhe os movimentos, tornou-se um forjador de idéias.

Euclides, modesto, introvertido, fotografou, ou filmou, como diríamos agora, as cenas que presenciou, mesmo no fragor daquela triste guerra de irmãos contra irmãos. Mostrou tudo depois, até inibido pelo acanhamento, para o Brasil, em pêso. E êste ficou estarecido, diante de tamanho drama que julgava inexistente, dentro de suas fronteiras. Foi o toque de despertar de uma nacionalidade inteira. A pena fulgurante de um homem genial marcou alguma coisa de nôvo para o país. Compreendemos todos que chegara a hora de evoluirmos com as demais nações civilizadas do globo. Euclides, embora trágicamente assassinado, começou a influir, paulatinamente, pela sua imorredoura obra, no soerguimento nacional, como se aquêlê sangue derramado tivesse o condão de nos despertar as energias adormecidas.

De pouco a pouco, os brasileiros compreenderam que algo havia de nôvo na imensa interlândia, que há séculos, tanto seduzira bandeiras e entradas.

Euclides, queiram ou não queiram, foi o precursor remoto das revoluções na arte, letras e até nas ciências, que sacudiram o Brasil, da cabeça aos pés. Em 1922, veio-nos a *Semana de Arte Moderna*, de São Paulo, seguida logo depois do *Manifesto Regionalista*, de Gilberto Freyre, em Recife. O país, de liderado pelos de fora, foi se transformando em líder de verdade. Música, literatura, pintura, escultura, arquitetura voltaram-se para a terra, outrora tão desconhecida. Há séculos que seus filhos, mais aquinhoados da sorte, viviam exclusivamente embevecidos pela civilização que nos chegava do outro lado do mar. Nossos cientistas passaram a fazer pesquisas, dentro de casa

e agora podem dar lições do que é nosso, mesmo ao exterior. As sêcas do polígono começaram a ser estudadas, com plano bem delimitado, a fim de debelá-las, de acôrdo com a engenharia moderna. Programa econômico de envergadura foi traçado para modificar o panorama da região, tão magistralmente revelada pelo gênio profético de Euclides.

“Estamos condenados à civilização, ou progredimos, ou desaparecemos”.

O Nordeste e a nação tomaram pelo caminho da primeira alternativa. Só um cego poderá contestar isso naturalmente estamos longe da meta final, mas incontestavelmente trilhamos o bom caminho. Fitemos o passado de há bem pouco, para melhor confiança no futuro. Não há razão para desânimo.

Não podemos negar que outros vultos secundaram Euclides nesse roteiro de luz. Não quero falar no sul do país, pródigo em personalidades marcantes, em nosso desenvolvimento. Sou apenas simples representante do interior nordestino. Capistrano de Abreu revolucionou totalmente os estudos históricos nacionais, demonstrando a importância dos rios no povoamento do Brasil. Outro cearense, como êle, Delmiro Gouveia, devassou caatingas, enriqueceu a exportar couros de caprinos e instalou indústria pioneira de linha de costura, em plena selva bravia, aproveitando pequena parte da energia propulsora de Paulo Afonso, a movimentar suas máquinas. Foi outro bandeirante dos tempos modernos. A velha cachoeira romântica, decantada pelos poetas, faz parte agora dos veículos mais possantes da redenção do Nordeste. A Companhia de Eletricidade do São Francisco é realidade palpável na região que foi redescoberta e divulgada, pela fulgurante inteligência de Euclides da Cunha.

Não descreveu êle a tragédia de Canudos, naquelas páginas que jamais se apagarão, enquanto a nacionalidade brasileira existir, apenas por diletantismo literário. Não criou fantasias e nem em nada exagerou. Ao censurar os métodos de combate ao arraial do fanatismo, na qualidade de militar que também foi, de forma alguma, denegriu o heróico exército nacional. Apontou-lhe êrros que surgiram no advento da República, consequência de lutas internas e com o ressurgimento da mais desenfreada politicagem. Igualmente havia o fator surpresa para as fôrças armadas, que pisavam em terreno totalmente desconhecido, mesmo em pleno coração da pátria.

O fenômeno do aproveitamento do meio, com suas defesas naturais, contra tropas regulares, é tão velho quanto o despontar da civilização. Portugal nasceu com a epopéia de Viriato que desafiou Roma, por vários anos, destruindo-lhe multicplicidade de suas aguerri-

das e legendárias legiões. Foi abatido exclusivamente pelo punhal assassino de traidores, que há em tôda parte.

Embora com certa reverência pelo autor, o escritor Dante de Mello contestou muitas das afirmações de Euclides, no livro, *A Verdade sobre os Sertões* (3). Sua defesa, aliás bem cuidada, prende-se aos bríos do bravo exército nacional que achou ter sido amesquinhado por Euclides da Cunha. Chega até a diminuir o sertanejo ignorante, chamando-o de covarde, por esconder-se sempre para matar, ou a fugir após as arrancadas. Estabelece o confrônto entre o nortista e o gaúcho, enaltecendo o segundo, como vencedor autêntico da célebre campanha que teve como palco o sertão inóspito da Bahia. O paralelo entre os dois tipos étnicos já está traçado, com galhardia, por Euclides nas páginas de seu pujante livro. Ninguém pode contestar que o sul rio-grandense é soldado nato, pela vigilância e defesa perene de nossa fronteira. O nortista e o nordestino atenderam, em qualquer hora, todos os chamamentos da pátria, em seus momentos mais angustiosos. São ambos amestrados nos embates contínuos contra a natureza hostil, quer na caatinga braba, ou na mataria sem fim da Amazônia. Domadores da terra ressequida ou dos alagadiços do Norte, têm sabido suportar, com heroísmo sobrehumano, tôdas as vicissitudes. O caboclo nordestino, jangadeiro no mar ou vaqueiro no sertão àspero não pode ser superado por qualquer outro, em sua inquebrantável fortaleza de espírito. O brasileiro é um só, com variantes apenas. O paulista, que foi também enaltecido por Euclides em sua atuação em Canudos, não foi unicamente o bandeirante épico de outros tempos. Sua pujança criadora não feneceu. E' presentemente o forjador de riquezas, pioneiro por excelência, da industrialização do país. No dia que a nação inteira apaulistisar-se — ignoro se tal verbo está integrado à língua — o Brasil estará definitivamente salvo do sub-desenvolvimento. Cada unidade, porém, dá, na medida do possível, a sua contribuição ao todo nacional. Só a miséria é que impede muito brasileiro a desempenhar o seu verdadeiro papel, nesse imenso conjunto.

O jagunço empregou a tática que o instinto lhe ensinou, a fim de contrapor-se aos batalhões que o atacaram. Tornou-se guerrilheiro nato. Se os atuais *viet-congs* enfrentassem os ultra-modernos e apetrechados norte-americanos e aliados, em terreno descoberto, desde há muito estariam definitivamente derrotados. A maior luta no Paraguai não foi a de derrotar o militar inimigo e sim o de contrapor-se ao ambiente hostil desconhecido. A Retirada da Laguna foi exemplo frizante disso.

(3). — Lançado pela Editôra da Biblioteca do Exército em 1958.

Euclides, na qualidade de sociólogo, teve êrros comuns a todos os mortais, incluindo gênios, mas, suas virtudes como escritor e observador, o projetarão, cada dia mais, no futuro.

Teve opositores e os terá sempre. Sua obra ciclópica é bem viva e ninguém permanecerá indiferente perante ela. Dante de Mello, militar, em *A verdade sobre os Sertões*, com o direito que tem de zelar pela nobre classe a que, brilhantemente pertence, defendeu, com inteligência, seus pontos de vista. A verdade, porém, é que as fôrças armadas, após a campanha crucial de Canudos, renovaram-se radicalmente.

Os jagunços do Conselheiro da caatinga bravia constituíram sua melhor fortaleza. Desconheciam a estratégia oficial e se alguém os dirigisse, com tais conhecimentos, a derrota de Canudos seria imediata. Palmares, através de guerrilhas, aproveitando os obstáculos da natureza para defender-se, conseguiu resistir aos repetidos assédios, quase 80 anos. Exércitos regulares luso-brasileiros e até flamengos do Recife, atacaram a Troia negra a mostrar que todo ser humano, mesmo o de pele escura, sempre ansiou pela liberdade. Caiu pela estratégia do bandeirante, perito sertanista — Domingos Jorge Velho e pela tenacidade e vigor do pernambucano Bernardo Vieira de Melo, futuro mártir das primeiras manifestações de independência do brasileiro.

As tropas irregulares de Antônio Conselheiro, entocadas em grotões, entricheiradas em casebres destruídos, ou escondidos no mato, de vegetação xerófita, devoraram batalhões aguerridos. Mas houve lances de epopéia, com refregas de corpo a corpo, quando ambos os contendores demonstraram a fibra inata do brasileiro para as lutas mais duras. No momento em que o exército adquiriu a experiência daquela campanha, cujo desenrolar imprevisito não constava nos manuais de ensino da Escola de Guerra, o arraial de Canudos foi vencido e destruído.

No Cariri cearense, vizinho à minha terra, também houve outra cidadela revoltada e orientada por misticismo quase idêntico ao de Canudos. Juazeiro do Padre Cícero não foi vencida. Circunstâncias especiais diversas da Vendéia baiana, deram-lhe o galardão da vitória. A cidade cearense não se revoltou contra o govêrno federal. Por incrível que seja, foi êste que a atirou contra o govêrno estadual do Ceará. O Tenente-Coronel Marcos Franco Rabelo foi colocado no *Index* do onipotente chefe do Partido Republicano, Senador Pinheiro Machado, manejador, como se fôssem *marionetes*, da política e da administração no govêrno Marechal Hermes da Fonseca, teria forçosamente de ser destituído, teria ação do próprio caudilho gaúcho, a fim de derrubar a oligarquia Acioli, negou a Franco Rabelo o apôio

à candidatura à presidência da República ao antigo protetor. Assinou assim a própria destituição. Político maquiavélico, acostumado a mandar, engendrou trama terrível de vingança. Com a ajuda do Presidente e do partido aciolino, apoiou o audaz e inteligente aventureiro — médico de origem baiana — Dr. Floro Bartolomeu da Costa. Era o verdadeiro mentor do Padre Cícero Romão Batista. Euclides em seu imorredouro *Os Sertões* fala naquele sacerdote, tão conhecido no interior nordestino, em rápidas palavras:

“No Juazeiro um hèresiarca sinistro, o padre Cícero congregava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro”.

Juazeiro do Norte geográficamente não ocupa a mesma posição estratégica de Canudos. E' encravada em zona habitada, fértil, com intensa cultura agrícola, de clima ameno e água potável abundante. Sua natureza nada oferece de hostilidade ao homem. Se, em 1914, houvesse recursos suficientes por parte do govêrno cearense, com a cobertura dos poderes federais, a luta não assumiria às proporções do arraial do interior baiano. Simples cêrco forçá-lo-ia a render-se sem lutas. Tudo se passou de outra maneira. A verdade, no entanto, assinala que os triunfadores daquele embate, filho exclusivo da politicagem sem freios, comportaram-se melhor do que os vencedores de Canudos.

Tomo a liberdade de citar pequeno trecho, de um meu livro (4). Após referir-me ao modo mais humano do epílogo da questão de Juazeiro do Norte, em 1914, afirmo:

“Enquanto isso sucede no município cearense, todos nós sabemos do triste epílogo do arraial de Canudos destruído impiedosamente pelas forças do govêrno, como por uma triste ironia do destino.

Juazeiro, portanto, é bela resposta histórica aos êrros praticados pelos desmandos das tropas governistas, nos sertões baianos”.

Agora é cidade próspera que está a assimilar o progresso, em todos os sentidos.

Há vários anos, com turma de alunas de Crato, passei algumas horas na segunda edição de Canudos. Era manhã clara. Ventilação acariciante soprava sôbre a vila. Na entrada das ruas ainda estacionava o velho canhão 32, que os fanáticos apelidaram de *Matadeira*. No morro do Mário havia cruces bem visíveis. Restavam apenas os alicerces da igreja nova, cobertos de mato daninho. O cruzeiro estava de pé, com dizeres toscos, relembrando o Conselheiro. Revivi na

(4). — J. de Figueiredo Filho, *Renovação*. Editôra Odeon. São Paulo. 1938, pág. 40.

imaginação as cenas dantescas, presentes em minha imaginação pela constante leitura de *Os Sertões*. Comovi-me. Em grupo, eu e a esposa, entre jovens sorridentes, deixamos nos fotografar diante do velho cruzeiro, crivado de balas.

No retôrno, em casa, a afim de estravasas a emoção de minha alma, escrevi o trabalho. *Brasileiro, aquí está Canudos*, publicado na *Revista Sul América*, da Companhia de seguros, de igual nome, do Rio de Janeiro. Foi transcrito em revista, tipo *Seleções*, cujo nome não me lembro, dirigida por Afrânio Coutinho, o mesmo supervisor da *Obra Completa-Euclides da Cunha*, da Companhia José Aguilas Editôra, do Rio de Janeiro.

Quando passei ali, Canudos já estava condenado a desaparecer, coberto pelas águas do Vaza-Barris. O primeiro aglomerado humano foi destruído a ferro e a fogo. O segundo, como seu último contraste, será pela água, como se fôsse simples passagem do Apocalipse. De terra árida passará à terra úmida para a renovação de sua cultura agrícola e pecuária. E' outra remota vitória de Euclides da Cunha, em sua campanha tenaz para a resolução do intrincado problema das sêcas do Nordeste. Em tudo e por tudo, sem perder a marca de homem nacional e até internacional, o grande autor de *Os Sertões* revelou-se sempre nordestino, de alma e coração.